

MINHA VIDA POR INTEIRO

Trabalho, Família e Nosso Futuro

por

INDRA K. NOOYI



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2022

Sumário



Introdução VII

Parte I

INFÂNCIA 1

Parte II

ENCONTRANDO MEU LUGAR 67

Parte III

OS ANOS NA PEPSICO 117

Parte IV

OLHANDO EM FRENTE 231

Agradecimentos 277

Notas 283

Índice 287

Parte I



INFÂNCIA

AMOSTRA



A sala de estar das mulheres na casa onde passei minha infância tinha um único móvel: um balanço enorme de pau-rosa com quatro correntes compridas que foram pregadas no teto quando meu avô construiu a casa em uma rua arborizada em Madras, na Índia, em 1939.

Aquele balanço, com seu suave movimento de vai e vem em meio ao calor do sul indiano, foi palco de milhões de histórias. Minha mãe, suas irmãs e primas, usando sáris simples em tons de fúcsia, azul ou amarelo, balançavam-se nele no fim da tarde com xícaras de um doce café com leite e os pés descalços estendidos até o chão para mantê-lo em movimento. Elas planejavam as refeições, comparavam as notas escolares dos filhos e se debruçavam sobre horóscopos indianos a fim de encontrar parceiros adequados para as filhas ou outras jovens de sua extensa rede familiar. Conversavam sobre política, alimentação, fofocas locais, roupas, religião, música e livros. Elas eram barulhentas e suas vozes se sobrepunham, e o assunto não acabava nunca.

Desde a primeira infância, brinquei no balanço com minha irmã mais velha, Chandrika, e meu irmão caçula, Nandu. Balançávamos e cantávamos as canções da escola: "Teddy Bears Picnic", "Woodpeckers Song", "Grandfather's Clock"; ou então, as músicas dos Beatles, Cliff Richard ou Beach Boys que ouvíamos na rádio: "Eight Days a Week", "Bachelor Boy", "Barbara Ann". Tirávamos uma soneca; brigávamos. Líamos romances

infantis britânicos de Enid Blyton, Richmal Crompton e Frank Richards. Caíamos no chão vermelho brilhante e voltávamos.

Nossa casa era grande e arejada, onde dezenas de primos se encontravam em festivais e feriados. O balanço era cenário de peças elaboradas que, baseados em qualquer coisa que nos desse na telha, escrevíamos e apresentávamos. Pais, mães, avós, tias e tios se reuniam para assistir, segurando pedaços de jornal rasgados onde se liam os rabiscos “ingresso”. Eles se sentiam à vontade para criticar as apresentações, para começar a conversar ou, simplesmente, ir embora. Minha infância não foi um mundo de “Ótimo trabalho!” Estava mais para: “Foi mais ou menos” ou “Isso é o melhor que você pode fazer?” Fomos habituados à honestidade em vez de falsos incentivos.

As avaliações não importavam naqueles dias agitados e felizes. Nós nos sentíamos importantes. Estávamos em movimento, rindo e passando para a próxima brincadeira. Brincávamos de esconde-esconde e subíamos nas árvores para pegar as mangas e goiabas que cresciam no jardim em volta da casa. Comíamos no chão, sentados com as pernas cruzadas em um círculo, com nossas mães no centro vertendo *sambar sadam* e *thayir sadam* — ensopado de lentilha e coalhada misturada com arroz — de recipientes de argila e repartindo picles indianos em folhas de bananeira, que serviam como pratos.

Nas noites em que os primos vinham visitar, o balanço era desmontado — a grande tábua grossa de madeira era desengatada das correntes prateadas e levada à varanda de trás, onde ficava guardada durante a noite. Então, no mesmo lugar, fazíamos uma fila de meninos e meninas em um colchão espaçoso e colorido, cada um com seu travesseiro e lençol de algodão, para dormir. Às vezes, ficávamos debaixo de um mosquitoireiro. Se houvesse eletricidade, um ventilador de teto girava lentamente, fingindo aplacar o calor com uma temperatura de 29,5 °C durante a madrugada. Respingávamos água no piso à nossa volta, na esperança de que a evaporação resfriasse o lugar.

Como muitos lares indianos da época, a Lakshmi Nilayam, como nossa casa se chamava, também tinha uma sala de estar para os homens — um amplo salão com janelas grandes e quadradas que dava diretamente para a entrada, onde era fácil ficar de olho em quem chegava e saía.

Meu avô paterno, um juiz distrital aposentado, usara todas as economias para projetar e construir essa residência de dois andares, com terraço e varandas. Mas ele passava a maior parte do tempo na sala de estar dos homens lendo jornais e livros, descansando em uma espreguiçadeira com assento de lona. Dormia no divã esculpido em madeira, com estofa azul-escuro.

Ele recebia amigavelmente os visitantes, que quase sempre chegavam sem avisar. Os homens se sentavam juntos nos dois sofás da sala e conversavam sobre assuntos gerais, política local ou atualidades. Tinham opiniões formadas sobre o que o governo ou as empresas deveriam fazer para ajudar os cidadãos no país. Conversavam em tâmil ou em inglês, muitas vezes pulando de um idioma para o outro. Crianças iam e vinham, curtindo, lendo ou fazendo o dever de casa. Nunca vi uma mulher naquela sala diante de meu avô, a quem eu chamava de Thatha. Minha mãe estava sempre entrando e saindo, servindo café e lanches aos visitantes ou colocando as coisas em ordem.

Em uma mesa lateral de madeira, havia um Oxford English Dictionary e o Cambridge Dictionary, ambos encadernados em couro cor de vinho. Certa vez, Thatha fez com que minha irmã e eu lêssemos *Nicholas Nickleby*, o romance de quase mil páginas de Charles Dickens. A cada um ou mais capítulos, ele pegava o livro, apontava para uma página e perguntava: “O que significa essa palavra?” Se eu não soubesse, ele dizia: “Mas você falou que leu estas páginas.” Então, eu tinha de procurar a palavra e escrever duas frases para mostrar que a compreendia.

Eu adorava e respeitava Thatha, cujo nome completo era A. Narayana Sarma. Ele nasceu em 1883 em Palghat, no estado de Kerala, que, sob domínio inglês, fazia parte da Presidência de Madras. Thatha tinha quase 80 anos quando eu era estudante; era um homem esbelto de 1,80m ou mais, e usava óculos grossos bifocais. Tinha um ar majestoso, muito firme e gentil. Usava um *dhote* impecavelmente passado e uma camisa de meia manga de cor clara. Quando ele falava, todos se calavam. Tinha estudado matemática e direito, e por décadas foi juiz distrital e de fórum, julgando casos civis e criminais. Contudo, seu casamento me intrigava. Meus avós tinham oito filhos, mas, quando conheci minha avó antes que ela morresse, aparente-

mente eles nunca se falavam. Moravam em partes diferentes da casa. Ele se dedicava totalmente a seus netos pequenos, apresentando-nos a livros e ideias cada vez mais sofisticados, explicando teoremas de geometria e pressionando-nos a sermos detalhados e claros na escola.

Nunca tive dúvidas de que o cérebro da casa — e da família — residia na sala de estar dos homens.

Mas a alma e o coração de nossa vida animada estava lá no salão, no espaço aberto de piso avermelhado e o balanço gigante de pau-rosa. Era lá que minha mãe mantinha a casa funcionando, com a ajuda de Shakuntala, uma jovem que lavava a louça na pia externa e varria o chão.

Minha mãe estava sempre se mexendo, cozinhando, limpando, dando ordens em voz alta, alimentando outras pessoas e cantando junto com o rádio. A casa ficava assustadoramente silenciosa quando ela não estava. Nenhum de nós gostava daquilo.

Meu pai, um homem incomum para a época, também ficava por perto, ajudando com as tarefas domésticas e a cuidar das crianças. Ele era mestre em matemática e trabalhava em um banco. Comprava itens de primeira necessidade, ajudava a fazer as camas e me deixava acompanhá-lo. Era um homem calmo com um senso de humor fantástico, cheio de sabedoria. Sempre cito a frase do filósofo grego Epicteto: “Temos dois ouvidos e uma boca, para que ouçamos duas vezes mais que falemos.” Meu pai era um exemplo vivo disso. Ele era perito em se afastar de qualquer situação tensa, sem exacerbá-la.

Todos os meses, meu pai dava seu ordenado à minha mãe, que lidava com as despesas diárias. Ela documentava todas as transações em um papel chamado “caixa registradora” e equilibrava as contas todas as semanas. Esse foi um sistema de contabilidade que ela criou intuitivamente, e ainda me espanta o fato de tê-lo desenvolvido sem nenhum treinamento.

Nos anos 1950 e 1960, Madras era um local imenso, mas bem simples, para crianças como nós. A cidade tinha aproximadamente 1,5 milhão de pessoas, um lugarzinho pacato, sem atrativos e seguro, que acordava às 4h, quando as orações matinais e os sinos das bicicletas começavam a preencher os ares. As luzes se apagavam pontualmente às 20h, quando tudo — lojas,

restaurantes, locais de entretenimento — fechava. Os jovens iam estudar em casa. O dia chegava ao fim.

A Companhia Britânica das Índias Orientais atracou nessa praia em 1639 e, mais de 300 anos depois, vivíamos em uma mistura de antigos templos indianos e escritórios, fóruns, escolas e igrejas coloniais do século 19. Ruas amplas, com árvores nas laterais, eram cheias de ônibus, bicicletas motorizadas e comuns, riquixás e alguns carros — pequenos Fiats ou Embassadors. O ar era puro e limpo. De vez em quando, íamos a Marina Beach, que se estende por 10 quilômetros ao longo da baía de Bengala. Para os adultos, o oceano era ameaçador e imprevisível, e era melhor olhá-lo a certa distância. Só éramos autorizados a nos sentar na areia ou na grama e não devíamos nos aproximar da água, ou seríamos levados embora.

Madras, que em 1996 passou a se chamar Chennai, é a capital da província sul de Tamil Nadu, com uma economia ancorada em produtos têxteis, montadoras de veículos e indústria alimentar, e mais recentemente, serviços de software. É uma cidade repleta de faculdades e universidades famosas. Também é a sede das artes clássicas do sul da Índia — a antiga música carnática e a dança *Bharatanatyam*, uma contação de histórias expressiva e rítmica que conecta a comunidade. Em dezembro, a cidade ficava cheia de visitantes para o célebre festival de artes. Ouvíamos as apresentações no rádio e apreciávamos as críticas perspicazes de cada uma delas feitas pelos vários parentes que chegavam e iam embora de nossa casa durante o mês.

Éramos uma família hindu brâmane que vivia ao lado de outros hindus e pessoas de outras crenças — cristãos, jainistas e muçulmanos. Vivíamos sob as regras de uma família próxima e devota na sociedade culturalmente vibrante e de várias fés ao nosso redor.

Ser brâmane na Índia na metade do século 20 significava pertencer a uma classe de pessoas que levavam uma vida simples, devota e extremamente focada na educação. Não éramos ricos, embora nossa casa grande, ainda que pouco mobiliada, fosse um sinal de que nossa vida era confortável e tinha uma estabilidade preciosa. Vínhamos de uma tradição de famílias que moravam em casas com pessoas de várias gerações. Tínhamos poucas roupas — moda não era algo que desejávamos. Economizávamos

o máximo que conseguíamos. Nunca comíamos fora ou tirávamos férias, e sempre tínhamos inquilinos no segundo andar para renda extra. Apesar de nossa situação econômica modesta, sabíamos que éramos abençoados por termos nascido brâmanes. As pessoas nos respeitavam instantaneamente, pois nos viam como instruídos.

Minha mãe celebrava todos os festivais hindus com os rituais apropriados, mas ninguém comemorava aniversários. Meus pais nunca nos abraçaram, beijaram ou disseram “eu te amo”. O amor era presumido. Nunca compartilhávamos medos, esperanças e sonhos com as pessoas mais velhas. Não eram o tipo de gente com quem conversar sobre essas coisas. Qualquer tentativa seria interrompida com as palavras: “Reze mais. Deus ajudará você a encontrar um caminho.”

O mantra favorito da minha mãe, que repetia várias vezes por dia, era “*Matha, Pitha, Guru, Deivam*”. Ela traduzia da seguinte maneira: “Sua mãe, seu pai e seu professor devem ser reverenciados como Deus.”

Ela nos lembrava constantemente de respeitar os quatro. Por exemplo, não podíamos colocar os pés para cima na frente dos mais velhos, nem comer enquanto estudávamos, como um sinal de respeito pelos livros; sempre nos levantávamos quando um professor entrava na sala e só nos sentávamos quando fosse concedido permissão.

Ao mesmo tempo, como crianças em casa, sempre éramos autorizados a expressar nossas opiniões, desenvolver por inteiro nossas ideias e argumentar, mas precisávamos aceitar a interrupção dos mais velhos constantemente, sem nos deixar terminar e afirmando com frequência: “O que você sabe sobre esse assunto? Apenas nos ouça. Você ficará bem.”

Nossa casa em Madras estava sempre barulhenta, com muita gargalhada, discussões e gritaria. Era um ambiente restrito, e eu apanhava — algo bastante comum na maioria das famílias — quando me comportava mal. Nosso lar era estável, e me forçava a aprender autodisciplina e como me expressar. Tive coragem para expandir os horizontes, porque fui criada em um cenário que aos poucos me deu liberdade para explorar. Sempre havia um lar para me ancorar.

A casa onde passei a infância era caracterizada por pensamentos particularmente progressistas em termos de educação feminina. Eu era a filha do meio, de pele escura, alta e magra. Tinha energia de sobra e adorava praticar esportes, subir em árvores e correr pela casa e pelo jardim, tudo isso em uma sociedade em que meninas eram julgadas pelo tom de pele, beleza, calma e “modos caseiros”. Ouvia parentes conversando e se perguntando como encontrariam alguém para se casar com “essa moleca”. Isso ainda dói. Mas nunca me privaram, quando menina, de conseguir aprender mais, estudar com mais afinco ou provar meu valor ao lado das crianças mais inteligentes de nosso meio.

Em casa, era permitido que meninos e meninas fossem igualmente ambiciosos. Não que as regras fossem exatamente as mesmas — sem dúvida havia uma sensação de que as meninas deviam ser protegidas, ao contrário dos meninos. Porém, em termos intelectuais e de oportunidades, nunca me senti tolhida por causa de meu sexo.

Isso vinha de cima — da interpretação de nossa família dos valores seculares dos brâmanes, da missão indiana do meio do século em prosperar como uma nação recém-independente e da visão de mundo de Thatha. Tive sorte por meu pai, a quem eu chamava de Appa, estar totalmente de acordo. Ele estava sempre lá para nos levar a todas as aulas e andava por aí com um sorriso orgulhoso se nos saíssemos bem em algo.

Ele me disse que nunca quis que eu estendesse a mão para pedir dinheiro a nenhuma outra pessoa que não meus pais. “Estamos investindo em sua educação para ajudá-la a caminhar com as próprias pernas”, disse ele. “O resto é com você. Seja dona de si mesma.”

Minha mãe tinha a mesma opinião. Ela é uma mulher forte e determinada que, como muitas noras à época, era culpada pelos mais velhos por conflitos familiares, ainda que não tivesse nada a ver com eles. Ela lidava com essas questões com destreza e mão firme. Penso que minha mãe teria sido uma excelente CEO. Mas, ela não teve chance de frequentar faculdades e canalizou essa frustração em garantir que suas meninas pudessem deslanchar. Não foi fácil para ela. Sempre tive a sensação de que ela viveu

a vida indiretamente através das filhas, desejando que tivéssemos as liberdades que de fato nunca teve.

Apreendi desde cedo que família é fundamental para nossas vidas neste planeta. É tanto meu alicerce quanto a força que me impulsionou. A família que constituí nos EUA com meu marido, Raj, e minhas duas filhas, Preetha e Tara, é minha conquista da qual mais me orgulho. Pertencço a uma família indiana de uma era específica e sou definida por essa herança, mas sei que existem famílias de todas as formas. Prosperamos individual e coletivamente quando temos conexões profundas com nossos pais e filhos e dentro de grupos maiores, quer sejamos parentes ou não. Acredito que famílias saudáveis são a raiz de sociedades saudáveis.

Sei que famílias são uma bagunça, com questões dolorosas que não podem ser conciliadas. Tive 29 primos de primeiro grau, 14 do lado de minha mãe, dos quais eu era muito próxima, e 15 do lado de meu pai, muitos que mal conheço por conta de lacunas históricas que não consigo conceber. Acredito que essas situações são um microcosmo do restante da vida e elas nos ensinam as dificuldades que precisamos atravessar e aceitar.

Nasci em outubro de 1955, quatro anos após o casamento de meus pais e apenas 13 meses depois que minha irmã nasceu. Minha mãe, Shantha, tinha 22 anos. Meu pai, A.N. Krishnamurthy, 33.

Foi um casamento arranjado. Pouco tempo depois que minha mãe terminou o ensino médio, um casal de parentes distantes abordou seus pais e perguntou se ela podia se casar com o filho deles. Ele a observara jogando *tennikoit*, um esporte popular para meninas em que as jogadoras lançam um círculo de borracha para a frente e para trás através de uma rede. Ele gostou de sua animação, disseram. Os horóscopos foram consultados, as famílias se encontraram algumas vezes e a aliança foi formada. Para minha mãe, a sexta de oito filhos, uma das vantagens era que ela faria parte

de uma família respeitada e culta, e obteria o conforto e segurança da casa grande para a qual se mudaria depois do casamento.

No primeiro encontro, minha mãe e meu pai mal conversaram. Quando cheguei, eles estavam contentes e construindo uma vida juntos, com o salário do emprego estável de meu pai. Decidiu-se que ele, um dos oito filhos, herdaria a casa. Meu avô planejou deixá-la para ele, seu segundo filho, porque confiava que meus pais cuidariam dele quando ficasse velho. Ele sentiu que sua nora era voltada à família e se dedicaria a ele tanto quanto ao marido e aos filhos que viriam.

Quando eu tinha cerca de 6 anos, minha irmã Chandrika e eu recebíamos tarefas diárias. A mais árdua começava próximo ao amanhecer, quando, durante muitos dias, uma de nós saltava de nossa cama compartilhada ao primeiro som de uma búfala grunhindo e berrando à porta da frente. Uma moradora chegava com o animal grande e cinza e lhe tirava o suprimento diário de leite. Nosso trabalho era garantir que ela não adulterasse o leite acrescentando água.

Minha mãe, a quem chamo de Amma, usava o leite de búfala para fazer iogurte, manteiga e o delicioso e aromático café do sul da Índia, que eram alguns itens de nossa dieta vegetariana. Um pouco mais tarde, chegava um vendedor com vegetais frescos — couve-flor, espinafre, abobrinha, abóbora, batatas, cebolas. Havia uma grande variedade disponível, por um preço.

Quando tinha por volta de 7 anos, era frequentemente mandada ao mercado a algumas quadras de distância com uma lista de itens para entrega em domicílio ou comprar algumas coisas. O balconista embrulhava as lentilhas, o arroz ou as leguminosas em um jornal enrolado em formato de cone e os amarrava com barbante na parte de cima. Pedidos maiores seriam entregues em casa, em mais cones de jornal. Os grãos eram colocados em vasilhas de vidro ou alumínio na cozinha, o papel, dobrado, o barbante virava uma bola e ambos eram deixados na prateleira para serem usados de novo. Nada era descartado.

Penso em Amma ocupada o tempo todo. Ela estaria vestida e na cozinha quando o leite fosse trazido e logo entregaria a primeira xícara de café a Thatha e a meu pai. As crianças receberiam uma xícara de Bournvita, uma bebida de chocolate maltado. Então, ela faria o café da manhã, geralmente mingau de aveia com leite, açúcar e cardamomo em pó. Em dias muito quentes, bebíamos *kanji*, uma mistura de arroz cozido embebido em água de um dia para o outro, com soro de leite diluído.

Às 8h, ela estaria no jardim, trabalhando com Shanmugam, nosso jardineiro, cuidando das flores e podando os arbustos. Ela colhia flores para enfeitar a sala de orações, um grande recanto na cozinha onde fazia suas preces diárias, muitas vezes enquanto cozinhava. Ela escutava música carnática e cantava junto. Amma sempre tinha flores no cabelo, um feixe de botões brancos ou coloridos em torno do coque escuro ou do rabo de cavalo. De vez em quando, nos fins de semana, ela colocava flores em nossas tranças.

Assim que meu pai e as crianças sássem de casa, ela voltaria à cozinha e prepararia o almoço para Thatha, Chandrika e para mim. O fogão era a querosene, e a fumaça podia ser avassaladora. Mas ela sempre nos preparava refeições frescas, que eram embaladas em porta-lanches limpos e chegavam quentes à escola. Shakuntala comia de colher enquanto nos sentávamos sob uma árvore no parquinho. Cada porção era consumida; se não comêssemos tudo, teríamos de comer as sobras no jantar, situação que sabíamos que devia ser evitada a qualquer custo. Amma servia o almoço a Thatha em uma grande bandeja de prata, com pequenas tigelas para os vários vegetais e acompanhamentos.

Durante a tarde, ela pegava um riquixá até a casa de seus pais a 1,5 quilômetro de distância para dar uma olhada, conversar sobre assuntos familiares e ajudar sua mãe na cozinha. Então, voltava para casa e cozinhava de novo. Dia após dia, cada refeição era exclusivamente preparada, comida e limpa, sem nenhuma sobra. Não tínhamos geladeira.

Chandrika e eu voltávamos da escola por volta das 16h30 e éramos recebidas por Thatha e Amma. Tínhamos uma hora para lanche e brincar até Appa voltar para casa, por volta das 17h30. Então, sentávamos no chão

aos pés de Thatha para fazer a lição de casa, embora tivéssemos nossa própria escrivantina. Ele verificava nossas tarefas com regularidade. Se tivéssemos dificuldade com matemática, ele tiraria alguns papéis em que já tinha elaborado atividades práticas. Muitos dias, também escrevíamos duas páginas em cadernos de caligrafia para praticar letra cursiva — geralmente a frase “um pequeno jabuti xereta viu dez cegonhas felizes”, porque contém 24 letras do alfabeto. Thatha acreditava que “uma boa letra de mão significa um bom futuro”.

Por volta das 20h, jantávamos juntos, embora Amma nos servisse primeiro e comesse depois. Em seguida, haveria mais lições de casa, tarefas domésticas e luzes apagadas. Muitas vezes, havia cortes de energia e a casa ficava mergulhada na escuridão. Acendíamos velas e lanternas. Mosquitos zuniam ao redor, adorando o escuro e se alimentando de nosso sangue. Capturar mosquitos com um bater de mãos era uma habilidade necessária de sobrevivência. Antes de dormir, tínhamos de rezar em voz alta para minha mãe ouvir — o Pai Nosso, que também recitávamos na escola, e depois algumas orações em sânscrito.

Quando eu tinha 8 anos, minha mãe deu à luz um garotinho, Nandu, por uma cesariana muito complicada. Ele era o orgulho e a alegria de todos — alguém para manter o nome da família. Eu o adorava. Como era tradição em famílias como a nossa, Amma e o bebê passaram alguns meses na casa do pai dela, período em que meu pai fez muitas tarefas domésticas e levou Chandrika e eu à escola. Oito semanas depois, ao voltar para casa com Nandu, Amma ficou mais ocupada que nunca, cuidando de um novo bebê e de todas as tarefas anteriores, mesmo que ainda estivesse se recuperando de uma cirurgia abdominal cavalariço. Até onde sei, ela sempre deu conta de tudo. De que maneira, nunca saberei.

Chennai, que então contava com mais de 10 milhões de pessoas, sempre teve escassez de água. A região depende das chuvas de monções anuais para encher os lagos e reservatórios, que ficam a algumas centenas de quilômetros de distância e conectados às cidades por tubulações ins-

taladas na década de 1890. A água também vem de caminhão de áreas rurais, e moradores esperam na fila com grandes recipientes plásticos para coletar sua parte.

Havia um racionamento constante de água em nossa casa. A Madras Corporation, a autoridade local responsável pela água, abria as válvulas da cidade bem cedo de manhã. A água chegava, e meus pais enchiam todos os recipientes e panelas disponíveis, destinando-a cuidadosamente para cozinhar, beber e limpar.

Também tínhamos um poço no quintal. Ele se ligava a uma bomba elétrica que transportava água salgada para um tanque no terraço do segundo andar e, então, escoava até os banheiros. Tomávamos banho derramando água morna sobre o corpo com uma pequena xícara de aço, e eu me enrolava feito uma minhoca para obter o máximo de absorção. Lavávamos o cabelo usando um pouco de água misturada a pó de *shikakai*, feito da casca e das folhas de um arbusto de trepadeira comum. Quando era novinha, escovávamos os dentes usando o dedo indicador e um pó de carvão feito de cascas de arroz queimadas. Anos depois, passamos para o pó dentário da Colgate. Ganhei escova e pasta de dentes de verdade quando tinha por volta de 9 anos. Até os 24, nunca tinha ido ao dentista para fazer uma limpeza dentária.

Nossa vida era previsível. Tínhamos como trabalho principal estudar e tirar boas notas. Mas Chandrika e eu tínhamos tarefas noturnas também — guardar a louça, moer grãos de café em um moinho manual de duas mãos para as bebidas matinais quentes dos adultos ou, a pior de todas, bater o leiteiro do jeito antigo e manual para separar a manteiga. Era entediante e irritava as palmas das mãos.

Entrei na Our Lady's Nursery School [Escola Infantil de Nossa Senhora] em 1958, o início de 12 anos no campus de Holy Angels Convent [Convento dos Santos Anjos], uma instituição católica só para meninas a cerca de 1,5 km de casa. Durante alguns anos, Chandrika e eu fomos à escola toda manhã com meu pai, de bicicleta ou motoneta, primeiro como

garotinhas de avental cinza e blusa branca, depois de uniforme verde e branco com golas redondas e cintos listrados.

Todo mês de maio, Amma comprava 50 metros ou mais de tecido, contratava um alfaiate local e encomendava seis uniformes novos para os períodos escolares que viriam. Posso ouvi-la dizendo ao alfaiate que fizesse todos duas vezes maior que nosso tamanho para que servisse quando crescêssemos. Ele também nos fazia algumas “batas” para eventos casuais, e *pavadais* — saias indianas coloridas — para uso diário. Eram todas bem desproporcionais, mas para nós era alta moda e as valorizávamos. Tudo era ordenadamente dobrado em prateleiras de um armário meio vazio em um quarto. Para festivais e casamentos, usávamos *pavadais* de seda muito especiais. Esses ficavam no quarto de minha mãe e eram usados com muita parcimônia. Amma gastava conosco a maior parte do orçamento para roupas e comprava algo simples para si.

Durante o dia, Shakuntala lavava as camisas e *dhoties* dos homens, os sáris da minha mãe e nossos uniformes, e os pendurava para secar. À noite, após a lição de casa, Chandrika e eu engraxávamos nossos sapatos pretos de couro, lavávamos nossas meias que iam até o joelho e passávamos a ferro os vincos nas roupas com amido de farinha de arroz mexida com água no fogo. O amido irregular deixava manchas no tecido, e nos tornamos especialistas em misturá-lo na medida certa para acelerar o processo. Quando chovia, passávamos a ferro essas roupas para não termos de usar nada molhado de manhã. Se a energia acabasse, o que acontecia com bastante frequência, íamos à escola com o uniforme ligeiramente úmido. Não éramos as únicas. Acredito que o mesmo ocorria com muitas crianças na escola.

Tínhamos poucos brinquedos. Minha irmã e eu valorizávamos nossas únicas bonecas e as incluíamos em nossas várias conversas. Também brincávamos de casinha com minipotes e panelas, e de médico com equipamentos de hospital rudimentares que fabricávamos com papel e arame.

Desde o começo, Chandrika e eu adorávamos a escola. Ela nos permitia adentrar um universo fora de nossa estrita estrutura familiar,

e nosso entusiasmo tinha apoio total e os aplausos dos adultos. Todo o esquema nos libertava. Gostávamos tanto disso que, em alguns verões, mesmo com todos os primos para brincar, colocávamos um calendário de parede no quarto para contar os dias até as aulas recomeçarem.

Em casa, qualquer atividade era monitorada de perto. Se quiséssemos ver um filme, meus pais insistiriam que tinham de vê-lo primeiro e nunca pareciam ter tempo para assistir — portanto, quase nunca assistíamos. Podíamos ir à biblioteca local, uma construção de um só recinto a algumas quadras de distância, com empréstimos ilimitados a uma taxa muito baixa, mas os livros tinham que ser devolvidos no dia seguinte — foi assim que aprendi a ler rápido. Amma ouvia rádio o tempo todo, porém, como o restante da Índia, não tínhamos TV. A internet, é claro, não existia. Sempre tínhamos visitas, mas nós — com exceção de irmos à casa de nossos avós maternos — nunca visitávamos ninguém. Alguém sempre tinha que estar em casa para cuidar do meu avô.

Na escola, sempre havia algo mais para experimentar. Entre as aulas, eu literalmente corria de uma atividade a outra pelos corredores externos compridos e sombreados. O Holy Angels, inaugurado pelas Missionárias Franciscanas de Maria em 1897, expandira para seis prédios, um auditório, um jardim, um pátio e quadras de netball e tênis. Muitas vezes eu ficava depois das aulas para jogar bola ou ajudar os professores nas classes.

Logo entrei no Bulbuls, o nível júnior do programa nacional de Garotas Escoteiras. Eu usava um uniforme diferente, um vestido azul-claro com um lenço laranja listrado apertado com um anel, e após alguns anos fiquei muito empolgada por “ser promovida” para as Guias. Esforcei-me para ganhar distintivos por costurar, fazer nós, prestar primeiros socorros, fazer fogueira, marcar bandeiras e mais umas dez habilidades que escoteiros possuem. No terceiro ano do Ensino Médio, cheguei a ir a um festival nacional de escoteiros. Aprendi muito com o escotismo, principalmente sobre trabalho em equipe — como dar e receber — e como as pessoas assumem papéis diferentes de liderança em momentos diferentes. Aprendi sobre confiança com o melhor exemplo de, literalmente, armar uma barraca. Lembro-me de como todo mundo tinha que segurar as cordas na tensão certa para conseguir que

as hastes ficassem de pé e sustentassem o teto, ou a coisa toda voaria. Todos tinham que fazer sua parte, caso contrário não funcionaria.

Aprendemos música na escola, e nossa professora, a senhorita Lazarus, tinha o dom de fazer todo mundo se apaixonar, com muitas canções do Reino Unido. Em casa, Chandrika e eu tínhamos aulas de música clássica indiana e dança alguns dias da semana, algo extremamente necessário para meninas como nós. Isso era considerado pré-requisito para encontrar um bom marido. A essa altura, Chandrika era uma cantora muito talentosa e aluna dedicada. Quanto a mim, sempre queria sair para brincar.

Em termos acadêmicos, o Holy Angels não era nenhum piquenique. Nossas turmas tinham cerca de trinta meninas alinhadas em fileiras próximas de carteiras de madeira. A escola começava todos os dias às 8h30 com uma reunião e terminava às 16h. O ensino era rápido e completo; inglês, história, matemática, ciências, geografia e habilidades femininas básicas, como costura e artes. Tínhamos um período de provas a cada poucas semanas que aumentava a pressão.

As professoras, inclusive freiras que se aventuravam da Irlanda à Índia para passar a vida dedicando-se a Deus e à educação, eram acolhedoras e formidáveis. Também eram inescapáveis: a irmã Nessian, a diretora, e a irmã Benedict, encarregada da creche, que usavam hábitos com toucas que emolduravam o rosto, sempre andavam pelos corredores. Elas também faziam paradas regulares em nossa casa para bebericar café e conversar com meu avô ou meus pais.

No dia da chegada do boletim, o último de todos os meses, Thatha colocava uma cadeira na entrada, do lado de fora, para receber o documento no instante em que chegávamos. Se não ficassemos entre as três melhores da turma, de preferência em primeiro lugar, ele não ficava satisfeito consigo mesmo. Ele levava nossa educação para o lado pessoal e algumas vezes questionava as avaliações da professora, geralmente não em nosso favor.

Amma, profundamente comprometida com nosso aprendizado, acrescentava os próprios testes. Ela nos ensinava com um manual escolar de “conhecimentos gerais” sobre as Sete Maravilhas do Mundo, os principais rios e bandeiras dos países. Chandrika e eu nos sentávamos na cozinha

enquanto ela jantava após os homens e as crianças terminarem, e tínhamos 10 minutos para elaborar discursos sobre assuntos como: “Se você fosse primeira-ministra da Índia, o que faria?” Depois, ela escolheria uma vencedora. O prêmio era um quadradinho de chocolate da Cadbury de uma barra grande que ela guardava a sete chaves, e, se eu vencesse, o lamberia durante uma meia hora. Eu gostava mais desses quadrados que de todo o chocolate que posso comprar hoje.

Na escola, eu era debatedora e me inscrevia sempre que tinha chance de defender meus pontos de vista em competições locais. Como eletiva, escolhi “elocução”, um curso focado em discursos, poemas e falar em público. Eu era naturalmente boa nisso e não tinha vergonha de subir no palco.

Na oitava série, quando eu tinha quase 12 anos, tínhamos que escolher focar humanidades ou ciências, o próximo passo no currículo criado pela Universidade de Cambridge. Foi o início de anos de aulas mais intensivas de física, química, biologia — todas as disciplinas. Isso significou que meu avô, que era versado em inglês, matemática, história e os clássicos, não conseguiu se envolver em minhas tarefas como gostaria. Eu estava por conta própria.

A biologia me fascinava. Dissecávamos baratas, sapos e minhocas na escola, e nós mesmos tínhamos de levar os espécimes. Eu procurava baratas grandes ao redor e as depositava em um frasco de vidro com clorofórmio, a fim de que estivessem prontas para a dissecação no dia seguinte. Havia minhocas aos montes, mas sapos eram extremamente difíceis de achar fora da estação das monções. A família toda se envolvia na busca. Felizmente, no fim, a Holy Angels fechou contrato com um fornecedor de espécimes que providenciava os anfíbios, e fizemos uma pausa na caça aos sapos.

Também na oitava série, a senhora Jobard, minha professora, escolheu-me para fazer parte de uma equipe da escola que ia a Nova Delhi para uma conferência da United Schools Organization of India, um evento de quatro dias que pretendia construir conexões entre estudantes de todo o país. Essa

oportunidade gerou uma empolgação indescritível tanto na escola quanto em casa. Eu era a mais jovem aluna selecionada e fiquei entusiasmada com a maneira como minha família se animou com a viagem — e com a rapidez com que concordaram em pagar por ela.

Assim, a senhora Jobard, uma mulher baixinha de cerca de 45 anos e olhar intenso, e cinco garotas da Holy Angels, vestimos nossos uniformes e entramos no trem a vapor da imensa estação de trens central de Madras. Levamos pouca bagagem e viajamos 1.350 milhas (2.170 km) sentido norte por dois dias. Dormimos duas noites em uma cabine estreita com três beliches que se desdobravam das paredes.

Delhi, a capital da Índia, não se parecia com nada que eu já tivesse visto. Fiquei totalmente fascinada pelos prédios majestosos cercados por gramados e jardins, monumentos, ruas amplas cheias de carros, pessoas usando turbantes nas ruas e placas em hindi, o idioma predominante no norte da Índia, que eu não compreendia. Nosso pequeno grupo se juntou a adolescentes de mais de trinta escolas em um salão de conferências em Vigyan Bhavan para cinco dias de palestras sobre paz e política, competições de debates e performances culturais. Apresentamos uma dança irlandesa sobre “o bem e o mal” que, pelo que me lembro, confundiu os juízes. De qualquer modo, eles nos premiaram. Comemos em um refeitório enorme e dormimos em quartos compartilhados.

Minha autoconfiança foi genuinamente construída por fazer parte desse grande grupo — e fiquei de olhos bem abertos para a ampla variedade cultural da Índia.

Em casa, quando entrei na adolescência, nosso mundo começou a mudar. Meu pai se tornara professor na escola de treinamento do banco e, por quase três anos, viajou muito. Ele ficava em casa apenas dois ou três dias por mês, e eu sentia demais a sua falta. Nós dois tínhamos um vínculo especial, e eu gostava de pensar que era sua favorita. Ele compartilhava comigo algumas opiniões sobre trabalho e sempre fez com que eu me sentisse muito especial.

Nessa época, minha mãe instalou um novo *almirah* da Godrej, um armário amplo e de metal feito pela fabricante de cadeados indiana Godrej & Boyce, a fim de guardar itens para nosso enxoval de casamento. Sempre que economizava um pouco do orçamento familiar, ela comprava dois itens iguais e os guardava para Chandrika e para mim. Ela encheu o armário de panelas e tachos de aço inoxidável; bandejas, pratos e xícaras de prata; e alguns pequenos itens de ouro. Ela negociava, às vezes levando sáris antigos com uma linha dourada a um vendedor, onde conseguia trocar a roupa por artigos novos de culinária. Nossa casa tinha três *almirahs* da Godrej, um para as roupas de minha mãe, um para bens de valor da família e outro para as coisas de casamento das duas meninas.

Eu não ligava muito para isso. Mas eu sabia que Chandrika, a mais velha, linda, de cabelos cacheados e um belo sorriso, sentia a pressão. Nesse caso, eu tinha a vantagem total de ser a segunda filha. Eu podia passar despercebida.

Certo dia de verão em 1968, meu amado pai foi atingido por um ônibus enquanto dirigia sua Vespa. Ele foi parar embaixo das rodas e foi arrastado pela rua. Tenho uma lembrança clara de Amma atendendo à porta quando a polícia veio nos avisar do acidente. Não tínhamos telefone.

Minha mãe e eu pulamos para dentro de um riquixá e corremos até o hospital.

Quando entramos, ele estava deitado em uma cama, sangrando muito, quase inconsciente. Com uma das mãos, ele segurava o nariz parcialmente ferido. Os ossos da perna saltavam para fora dos tornozelos. Havia cortes e feridas por todo o seu corpo. Ele olhou para nós e sussurrou que tudo ficaria bem. Então, desmaiou.

Após seis horas de cirurgia e semanas em uma clínica, ele se recuperou em casa. Minha mãe foi sua fisioterapeuta, ajudando-o a voltar a ficar em pé. As contas se acumulavam — não havia seguro médico estadual na Índia naquela época —, e meus pais torraram quase todas as economias. Depois de vários meses, ele voltou a trabalhar e nossas vidas continuaram,

em grande parte como antes. Ele ficou coberto de cicatrizes por conta do pavoroso acidente.

Agora percebo que, se meu pai não tivesse se recuperado, nossas vidas teriam sido muito diferentes e difíceis. A pensão de Thatha era pequena, e minha mãe, com três filhos, não tinha como ganhar dinheiro. Nenhuma das minhas tias ou dos tios teriam tido condições de nos acolher. Sem nenhum tipo de apoio governamental em vigor, minha mãe poderia ter alocado mais inquilinos na casa grande, mas rapidamente teria deparado com os preconceitos arraigados contra as mulheres de sua geração, que quase nunca entravam no ramo dos “negócios”. Como sabíamos, nossos estudos provavelmente teriam sido interrompidos.

Famílias, por mais poderosas que sejam, também podem ser bem frágeis. Todas correm o risco de dificuldades inesperadas. E, sem redes de proteção adequadas do governo ou de empresas privadas, eventos como o acidente de meu pai podem reverberar na vida das pessoas durante décadas ou gerações.

O mais importante: esse acontecimento incitou a insistência de meu pai para que eu, como mulher, sempre tivesse meios de me manter sozinha.

No segundo ano do Ensino Médio, uma garota nova, Mary Bernard, foi transferida para a Holy Angels e nos tornamos ótimas amigas. Engraçada e aventureira, Mary era a filha de um oficial do exército. O mais empolgante: ela fazia aulas de violão e possuía um novo em folha.

Eu queria muito aprender a tocar violão, mas Amma não me compraria um. Ela foi inflexível e ficou um pouco espantada. Garotas boazinhas brâmanes do sul da Índia não tocavam violão nem cantavam rock inglês, insistia ela. Simplesmente não era apropriado; eu devia me concentrar em música e instrumentos clássicos do sul da Índia, afirmou.

Mas isso não ia me impedir. Por sorte, na hora do recreio, Mary e eu encontramos um violão velho dentro de um armário na escola. Nós o levamos à irmã Nessian, que inesperadamente concordou em reformá-lo para eu usar. Ao contrário da atitude de minha mãe, acredito que ela tinha ideias